

**Sustentabilidade Local e Turismo: por uma compreensão do  
“turismo sustentável”.<sup>1</sup>**

Nara Polino Valverde\*

Mestranda em Análise Regional pela Universidade Salvador – UNIFACS. Orientadora: Prof. Dra. Regina Celeste A. Souza\*\*. Agência fomentadora: FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

**Resumo**

A atividade turística vem conquistando lugar, no que diz respeito a área econômica, propondo, portanto, um tema essencial para a reflexão acadêmica e para as políticas tanto ambientais como sociais, de desenvolvimento para o turismo sustentável. O tema envolve uma discussão interdisciplinar complexa, e ainda um tanto quanto incipiente, no que se refere (re) ocupação do espaço pelo turismo e conseqüentemente sua sustentabilidade. Neste contexto, o presente artigo se propõe em fazer algumas reflexões sobre uma nova perspectiva de perceber a atividade turística, principalmente sob a ótica ambiental, apresentando de forma sucinta, entretanto evidenciando fatos que, em face do atual mundo em que se vive e essencialmente importante seus estudos e principalmente a sua conscientização.

**Palavras-chave**

Turismo; comunidade local; meio ambiente; turismo; turismo sustentável.

**Introdução**

O presente artigo tem origem em algumas reflexões oriundas da dissertação de mestrado em Análise Regional, que tem como título provisório “Os impactos provocados pelo desenvolvimento do turismo numa comunidade local: O caso do município do Conde, no Estado da Bahia.”. Assim, através deste projeto de pesquisa, pretende-se verificar se a atividade turística desenvolvida no município do Conde pode ser considerada como uma atividade indutora de desenvolvimento sustentável local, ou não.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT “Recursos Naturais e o Turismo” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

\* Administradora de Empresas pela Faculdade Ruy Barbosa e Mestranda em Análise Regional pela Universidade Salvador – Unifacs. E-mail: nara.polino@ig.com.br

\*\* Doutora em Geografia pela Universidade de Rouen na França, Professora titular do curso de Mestrado em Análise Regional na Universidade Salvador – Unifacs. E-mail: regina.souza@unifacs.br

A realidade é que o turismo ganhou destaque, e é comumente analisado, como a mais nova atividade econômica que tem movimentado muitos recursos não só humanos, como também financeiros e naturais, podendo-se dizer que o turismo possui características peculiares, ao mesmo tempo, que agrupa diversos sub-grupos que se relacionam sincronicamente e de forma complementar, tendo, por isso, capacidade de afetar diversas áreas distintas. Portanto, o turismo não deve ser resumido unicamente a uma atividade econômica, quando ele é, também, um fenômeno sociocultural.

Dentre inúmeras caracterizações, o turismo é conhecido e muitas vezes rotulado como, “indústria do turismo”<sup>2</sup>, pois ao interpretar alguns autores entende-se que o turismo apesar de não produzir a transformação da matéria-prima com o auxílio de máquinas nem de ferramentas no real sentido de fabricar mercadorias, de uma maneira ampla entende-se por “indústria do turismo”, por representar uma atividade econômica de forte impacto na vida contemporânea e transformadora do *locus* de atuação, ou seja, no território onde ela se implanta.

Neste contexto, faz mais sentido compreender qual o papel que cabe ao turismo como atividade multifacetada, tanto na área da economia quanto na área das Ciências Sociais. Assim Coriolano e Silva (2005, p. 62) explicam:

Do ponto de vista de negócio, o turista passa a ser visto como hóspede, consumidor ou cliente, e o turismo uma fonte de renda e divisas. Do ponto de vista sociocultural, o turista é um visitante importante em contato com o território, a cultura e o cotidiano dos residentes. O turismo é uma prática social, que reúne oportunidades de aquisição cultural, troca de experiências, realização de sonhos, busca de emoções e formas de aprendizagem. É negócio econômico para aqueles que vendem e uma oportunidade de aprendizagem para os que fazem.

Logo, o presente trabalho, de caráter bibliográfico, é um convite à reflexão e objetiva contribuir para a compreensão das inter-relações existentes entre o fenômeno do turismo, o espaço que ele ocupa e sua sustentabilidade. Logo, torna-se necessário compreender algumas conceituações que delimitam tanto a dimensão espacial do turismo, quanto a sua própria sustentabilidade, afinal, sabe-se que o turismo ao mesmo

---

<sup>2</sup> Para Arrilaga (1976, p.26, *apud* CORIOLANO e SILVA, 2005, p. 61), o uso do termo indústria se justifica, ao analisar o fato de que o turismo, assim como as demais indústrias, utiliza recursos da natureza, com a diferença de não consumi-los; emprega trabalho de grande mão-de-obra, investe grandes capitais, utiliza variáveis técnicas, é fonte de renda pessoal e empresarial, origina receitas para economias públicas e produz efeitos na economia. Assim, o turismo foi apenas comparado com a indústria, considerando que seus efeitos na economia são similares. Portanto, ao se utilizar a expressão indústria do turismo a palavra virá sempre entre aspas.

tempo em que causa impactos socioambientais nos espaços em que está inserido, também poderá alterar a percepção da realidade e enriquecer a cultura<sup>3</sup> tanto dos turistas, bem como a dos residentes locais. Tudo isso irá depender de variáveis que de certa forma poderão contribuir de modo positivo ou negativo, gerando conseqüências como: o fortalecimento da cultura local, as políticas públicas direcionadas para o desenvolvimento do turismo, o tipo de turismo que se pratica e o nível de cultura do turista.

Pode-se dizer que a relevância do estudo do fenômeno do turismo, enquanto tema de interesse acadêmico, se dá pelo fato da sua magnitude em relação aos outros setores da economia mundial. Segundo Cruz (2000, p. 10):

A valorização da atividade turística no Brasil, a partir da década de 1990, resulta de diversos fatores conjugados, como o crescente significado econômico do setor serviços no mundo e, inserido neste, o turismo; a chamada potencialidade natural turística do país; a disponibilização de capitais estrangeiros para financiamento de projetos e os posicionamentos público e privado favoráveis ao desenvolvimento da atividade. Um marco dessa mudança é a Política Nacional de Turismo, instituída durante o primeiro mandato do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-98).

Para a Organização Mundial do Turismo – OMT, as receitas internacionais desse setor cresceram mais rápido do que o comércio mundial como um todo (serviços comerciais e exportações de mercadorias) nos anos 80 e hoje constituem a maior proporção no valor das exportações mundiais sobrepondo-se a todos os setores, com exceção do petróleo e seus derivados e dos veículos e suas peças e acessórios (OMT, 1995d, p.21 *apud* OMT, 2003b, p. 146). O World Travel and Tourism Council – WTTC, estimou que a atividade do turismo emprega um em cada nove trabalhadores no mundo todo, ou cerca de 212 milhões de pessoas, tornando-se o maior empregador do mundo (WORLD TRAVEL AND TOURISM COUNCIL, 1993 *apud* OMT, 2003b, P.146). Deve-se ressaltar, portanto, que esses índices são as representações reais de que a atividade turística é realmente um setor da economia em ascensão, portanto, tornam-se de suma importância os estudos voltados para seus efeitos.

---

<sup>3</sup> Cultura é o conjunto de valores materiais e imateriais (espirituais), forma de ser de um povo envolvendo os conhecimentos, artes, leis, costumes e valores de uma sociedade. É o veículo que possibilita a comunicação entre residentes e turistas. (CORIOLANO e SILVA, 2005, p. 30).

A fim de se atingir o objetivo deste artigo, serão discutidos temas como a delimitação do espaço do turismo e sua sustentabilidade, para tanto, serão apresentados pontos de vista de diferentes autores que contribuíram para o desenvolvimento deste tema.

### **A apropriação do espaço pelo turismo**

Em face a evolução de sua complexidade, como já mencionado anteriormente, o estudo sobre o turismo hoje ultrapassa uma análise puramente disciplinar para uma abordagem em âmbito multidisciplinar, principalmente quando se trata do envolvimento entre as áreas das Ciências Sociais e Econômicas, integrando além dessas áreas, outras não menos importantes com aspectos históricos, geográficos, econômicos, sociológicos, culturais, antropológicos, ambientais e políticos.

A preocupação por compreender melhor essa abordagem multidisciplinar, surgiu a partir do momento que se interpretou o turismo como lazer de viagem, elitizado, transformado em mercadoria, invenção da sociedade de consumo e fenômeno próprio das classes ricas e médias que podem comprar o lazer (CORIOLANO, 2005), além de consumidor de espaço, para Cruz (2000, p. 17):

Nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo e esse é um fator importante da diferenciação entre o turismo e outras atividades produtivas. È pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos.

Neste caso, segundo Coriolano e Silva (2005, P. 120), é a Geografia do Turismo quem melhor aborda e define o espaço a ser ocupado pelo turismo, tal disciplina estuda os espaços ocupados pelo próprio turismo e muitas vezes colaboram na denominação do próprio seguimento turístico, como, turismo de natureza, litorâneo, rural, ou seja, estuda o que o espaço oferece para viabilizar o turismo.

Segundo Coriolano (2005),

O turismo usa e se apropria dos ambientes naturais e produzidos pelo trabalho para transformá-lo em espaço de lazer e consumo, gerando impactos positivos e negativos, que podem ser discutidos como uma questão de (in) sustentabilidade social e ambiental.

Assim, entende-se que o turismo é uma atividade que necessariamente utiliza-se do espaço para sua existência é que pode muitas vezes acabar gerando desgastes nesses espaços e conseqüentemente, portanto, provocando alguns impactos negativos.

Foi na década de 1960 que o estudo do turismo no âmbito da Geografia acentuou-se, respondendo ao aceleração do desenvolvimento do fenômeno, ligado à prosperidade econômica que marcou o período de pós-guerra nos países centrais do capitalismo (RODRIGUES, 1997, p. 40).

Segundo Boullón (2002, p. 79) “o espaço turístico é conseqüência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo”. Sumariamente os elementos básicos do espaço turístico são: oferta turística, demanda, serviços, transportes, infra-estrutura, poder de decisão e de informação, sistema de promoção e de comercialização (RODRIGUES, 1997, p. 45).

Para Coriolano e Silva (2005, p. 110 - 111), o “espaço turístico é um lugar determinado, onde se encontra a oferta, ou seja, onde estão os atrativos naturais e culturais, os serviços turísticos, a infra-estrutura de apoio e para onde flui a demanda”.

Entretanto, tão importante quanto entender os elementos estruturantes do espaço e compreender a dinâmica do próprio espaço turístico, é procurar entender os diversos movimentos e formas que um determinado espaço turístico poderá ter, pois este também contribui para a definição do espaço turístico. Para referenciar, Santos (1985 *apud* RODRIGUES, 1997, p. 48) afirma “[...] as categorias de análise objetivam decompor e recompor a totalidade nas perspectivas sincrônica e diacrônica”.

Definidas e apresentadas por Santos as categorias em análise são: forma, função, estrutura e processo, que constituem os esteios do método de interpretação do espaço geográfico, no caso, do espaço turístico (SANTOS, 1985 *apud id. ibid*, p. 48).

A forma refere-se ao aspecto visível – a paisagem.

[...] O estudo da função pretende decompor o espaço turístico nos seus elementos – oferta, demanda, transporte [...] mediante uma análise sincrônica, ou seja, captando sua participação na totalidade, num determinado momento ou num lapso de tempo historicamente determinado. Nessa análise é fundamental a captação da estrutura espacial, que extrapola o estudo da forma, uma vez que pretende expressar a dependência mútua entre as partes do todo, ou seja, a funcionalidade espacial.

[...] O estudo do processo espacial corresponde a uma categoria de análise diacrônica, objetivando investigar a evolução da estrutura que se

metamorfoseia no seu todo ou em suas partes. Procura captar o dinamismo do espaço que pode apresentar fases de estabilidade, de pequenas mudanças ao se reestruturar ou, então, passar por completas transformações, produzindo-se novos espaços. (SANTOS, 1985 apud id. *ibid*, p. 48).

Na mesma linha Cruz reafirma,

[...] O processo de transformação de um determinado espaço em território turístico (KNAFOU, 1996 apud CRUZ, 2000, p. 18) requer a readequação desse espaço à sua nova funcionalidade, ou seja, à nova especialização que lhe é outorgada. (SÁNCHEZ, 1991 apud id. *ibid*, p.18). Essa readequação significa, do ponto de vista de uma análise espacial, a criação de um sistema de objetos que dê familiaridade ao novo sistema de ações trazido pela demanda social do turismo. (LUCHIARI, 1998 apud id. *ibid*, p. 18).

Portanto, realizando uma análise da revisão bibliográfica apresentada, percebe-se que definir e caracterizar os “espaços turísticos” além de necessários para a própria atividade turística, os mesmos são a própria materialização do espaço ocupado, que inicialmente talvez até teria outros fins que não atender a nova economia do turismo, e que por sua vez tendem também a evoluir por um processo de “ondas” de ocupação que são ditadas pela moda ou produzidas pelo consumo do espaço (RODRIGUES, 1997, p. 50), ou seja, um determinado espaço poderá em um determinado momento ser atraente e em outro momento subsequente, não.

É interessante também observar que, ao mesmo tempo em que a atividade turística para se desenvolver necessita de estabelecer seu espaço, o “espaço turístico”, pois precisa de elementos constituintes como: patrimônio turístico, empreendimentos e infra-estrutura turística, para desenvolver a atividade específica, por outro lado, quando não encontra tais elementos é capaz de criar a possibilidade do surgimento destes, e isso é facilmente visualizado, pois em diversos lugares que não possuem tais elementos à disposição imediata, a necessidade da própria atividade turística acaba por desenvolvê-los, provocando mais uma vez um exemplo claro de apropriação do espaço local, transformando-o assim no novo espaço, o “espaço turístico”.

Todavia, é importante compreender também que muitas vezes a busca de um novo “espaço turístico” para o desenvolvimento da atividade turística, pode não proporcionar desenvolvimento equânime, justo para todos, principalmente no que tange as comunidades locais, as que supostamente deveriam ser as mais envolvidas e consultadas em todo o processo.

O que se percebe é que na maioria das vezes o surgimento da atividade turística como fomentadora para o desenvolvimento de uma determinada localidade, parece estar muitas vezes pautada em um único molde - o enfoque econômico. Enquanto por um lado sabe-se que a atividade turística pode constituir um investimento inicial gerador do processo ramificador da economia local, onde investir no turismo poderá ser uma alternativa para os municípios que buscam uma saída para complementar a sua economia e fazer com que haja um maior desenvolvimento local, por outro lado, se vê o potencial para degradar o ambiente natural, as estruturas sociais e a herança cultural dos povos locais, ou seja, destroem-se os elementos intrínsecos locais e constroem-se outros novos elementos, elementos estes que irão proporcionar um novo espaço, já impregnado de nenhuma ou quase nenhuma característica local.

Portanto, quando se fala em turismo, é preciso ter em mente que se está tratando, de um lado, de uma parcela da população mundial que reúne condições suficientes, tanto materiais, quanto imateriais; como recursos financeiros e tempo livre do trabalho, para o fazer turístico e, de outro lado, determinadas porções de espaço apenas eleitas pelo fazer turístico. (KNAFOU, 1996 *apud* CRUZ, 2000, p. 18).

Assim, para limitar as ações que provavelmente o turismo possa provocar é de suma importância a contribuição do poder público, através das políticas públicas, como norteador e controlador do processo, neste caso segundo Cruz (2000, p. 09):

O modo como se dá a apropriação de uma determinada parte do espaço geográfico pelo turismo depende da política pública de turismo que se leva a cabo no lugar. À política pública de turismo cabe o estabelecimento de metas e diretrizes que orientem o desenvolvimento socioespacial da atividade, tanto no que tange à esfera pública como no que se refere à iniciativa privada. Na ausência da política pública, o turismo se dá à revelia, ou seja, ao sabor de iniciativas e interesses particulares.

### **A procura do “turismo sustentável”**

Realizando uma reflexão sobre as diversas atividades econômicas existentes, pode-se dizer que até o presente momento muitas foram as que já causaram e ainda continuam causando impactos negativos, tanto ambientais como sociais. Assim, com o turismo,

não poderia ser diferente, já que também se trata de uma atividade econômica que até então pouco tem colaborado para a preservação do local no qual se encontra inserido.

Nessa perspectiva, até o efetivo reconhecimento de que a preservação ambiental e social seja no âmbito regional ou local, é necessária e importante para a manutenção da espécie humana e do meio ambiente, como um todo e também da própria atividade econômica nela inserida, ocorreram fortes impactos que corroboraram para a degradação atualmente presente.

Entretanto, a evolução da consciência e conseqüentemente preocupação com os possíveis impactos negativos tanto ambientais, quanto sociais, causados pela atividade turística, consolidou-se através de um termo específico, denominado de “turismo sustentável”.<sup>4</sup>

Segundo Swarbrooke (2000, p. 12 – 13), apesar da expressão “turismo sustentável” ter sido usada inicialmente a partir do final da década de 1980, quanto estudiosos da época começaram a levar em consideração as implicações do Relatório Brundtland, foi no início da década de 1990 que o termo passou a ser usado com freqüência. Portanto, Swarbrooke (2000, p. 13) apoiando-se no reconhecimento do *Green Paper on Tourism* publicado em 1995 pela União Européia, afirma que “o turismo sustentável é uma abordagem de turismo que reconhece a importância da comunidade local, a forma como as pessoas são tratadas e o desejo de maximizar os benefícios econômicos do turismo para essa comunidade”.

Portanto, o objetivo de se discutir e conseqüentemente compreender o termo “turismo sustentável”, não é só importante, quanto extremamente necessário, pois deve-se repensar a atividade turística, como uma possível atividade sustentável, capaz de induzir e contribuir para o desenvolvimento local, preocupado com a preservação dos recursos naturais, com a inclusão da comunidade local na atividade econômica e com a conservação do patrimônio histórico-cultural.

Em 1997 Clarke (*Apud* SWARBROOKE, 2000, p. 13), apresentou quatro abordagens que definiam o conceito de turismo sustentável ao longo dos tempos, portanto, cronologicamente foram entendidos e apresentados da seguinte forma:

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que o debate sobre “turismo sustentável” é parcialmente embasado e influenciado pelo conceito de “desenvolvimento sustentável”.

- **Opostos polares**, em que o turismo sustentável e o de massa eram vistos como opostos polares. Teríamos de renunciar ao turismo de massa<sup>5</sup> se quiséssemos desenvolver o turismo sustentável.
- **Um *continuum***, em que o turismo sustentável e o de massa não eram mais vistos como opostos polares, mas reconhecia-se que havia diferentes nuances de turismo sustentável e de massa, as quais se fundiriam em algum ponto central.
- **Movimento**, uma abordagem cuja sugestão era a de que uma ação positiva poderia tornar o turismo de massa mais sustentável.
- **Convergência**, como a idéia de que todos os tipos de turismo podem se esforçar para serem sustentáveis. (Grifo do próprio autor).

Analisando a perspectiva sugerida por Clarke, deve-se destacar que a proposta de “convergência”, atualmente é a mais aceita no campo acadêmico, porém também não se deve descartar que nas atuais circunstâncias, onde se busca desenvolver a atividade turística através de uma gestão mais preocupada com os aspectos socioambientais, a definição dos “opostos polares”, ainda tem grande influência.

Portanto, a fim de esclarecer e compreender melhor tal proposta, entre a prática do desenvolvimento do turismo sustentável e o não-sustentável, apresenta-se no quadro 1, a seguir, o contraste entre esses dois tipos de turismo, apesar de que tal comparação apresenta-se com características um tanto generalistas e abrangentes.

Apesar da importância em se destacar as contradições entre o Turismo sustentável e o não sustentável, sabe-se que na realidade as características não se apresentam de forma tão polarizada, existindo, portanto, entre elas muitas zonas de interseções.

Contudo, apesar de tal avaliação, a busca pela aplicabilidade do conceito de turismo sustentável não deve ser apenas um crescente ceticismo quanto a sua eficiência, ou considerado unicamente como uma situação ideal, porém, de difícil alcance.

---

<sup>5</sup> Turismo de massa é um fenômeno essencialmente da modernidade ocidental, mais especificamente da segunda metade do século XX, principalmente no pós-guerra. Segundo a OMT (2003b, p. 205), turismo de massa pode ser definido como tendência contemporânea de criar demanda massiva para locais ou experiências específicas, bem como para acomodações e transporte para servir a essa demanda.

Quadro 1 – Desenvolvimento do turismo sustentável versus não-sustentável.

<b>Sustentável</b>	<b>Não - sustentável</b>
<i>Conceitos gerais</i>	<i>Conceitos gerais</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolvimento lento;</li> <li>➤ desenvolvimento controlado;</li> <li>➤ escala adequada;</li> <li>➤ longo prazo;</li> <li>➤ qualitativo;</li> <li>➤ controle local.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolvimento rápido;</li> <li>➤ desenvolvimento descontrolado;</li> <li>➤ escala inadequada;</li> <li>➤ curto prazo;</li> <li>➤ quantitativo;</li> <li>➤ controle remoto.</li> </ul>
<i>Estratégias de desenvolvimento</i>	<i>Estratégias de desenvolvimento</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Planejamento, com posterior desenvolvimento;</li> <li>➤ esquemas baseados em conceitos;</li> <li>➤ preocupação com as 05 paisagens: litoral, ilhas, interior, regiões montanhosas e urbano;</li> <li>➤ pressão e benefícios difusos;</li> <li>➤ promotores de desenvolvimento locais;</li> <li>➤ moradores locais empregados;</li> <li>➤ arquitetura nativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolvimento sem planejamento;</li> <li>➤ Esquemas baseados em projetos;</li> <li>➤ Concentrado nas “sensações do momento”;</li> <li>➤ Capacidade de crescimento;</li> <li>➤ Promotores de desenvolvimento no exterior;</li> <li>➤ Força de trabalho importada;</li> <li>➤ Arquitetura de outros tipos.</li> </ul>
<i>Comportamento do turista</i>	<i>Comportamento do turista</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Pouca valorização;</li> <li>➤ algum preparo mental;</li> <li>➤ aprende a língua local;</li> <li>➤ tem tato e é sensível;</li> <li>➤ fala baixo;</li> <li>➤ repete as visitas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Muita valorização;</li> <li>➤ pouco ou nenhum preparo mental;</li> <li>➤ não aprende a língua local;</li> <li>➤ é energético e insensível;</li> <li>➤ fala alto;</li> <li>➤ improvável que volte.</li> </ul>

Fonte: Swarbrooke (2000, p. 22). Adaptado de Krippendorf (1982), Lane (1989, 1990) e Godfrey (1996).

Apoiando-se na lista elaborada, como resultado da Conferência Globo '90, em Vancouver, Swarbrooke (*Ibid.*, p. 14), afirma que turismo sustentável também pode proporcionar benefícios, entre eles:

- o turismo sustentável estimula uma compreensão dos impactos do turismo nos ambientes natural, cultural e humano;
- o turismo sustentável assegura uma distribuição justa de benefícios e custos;
- o turismo gera empregos locais, tanto diretos quanto indiretos em outros setores de suporte e de gestão de recursos;
- o turismo estimula indústrias domésticas lucrativas – hotéis e outros tipos de alojamento, restaurantes e outros serviços de alimentação, sistemas de transporte, artesanato e serviço de guias locais;
- o turismo gera entrada de divisas para o país e injeta capital e dinheiro novo na economia local;

- o turismo diversifica a economia local, principalmente em áreas rurais onde o emprego agrícola pode ser esporádico ou insuficiente;
- o turismo sustentável procura tomar decisões em todos os segmentos da sociedade, inclusive populações locais, de forma que o turismo e outros usuários dos recursos possam coexistir. Ele incorpora planejamento e zoneamento assegurando o desenvolvimento do turismo adequado à capacidade de carga do ecossistema;
- o turismo estimula o desenvolvimento do transporte local, das comunicações e de outras infra-estruturas básicas da comunidade;
- o turismo cria facilidades de recreação que podem ser usadas pelas comunidades locais, e não só por turistas domésticos ou internacionais. Ela também estimula e auxilia a cobrir gastos com preservação de sítios arqueológicos, construções e locais históricos;
- o turismo natural encoraja o uso produtivo de terras que são consideradas marginais para a agricultura, permitindo que vastas regiões permaneçam cobertas por vegetação natural;
- o turismo sustentável do ponto de vista do meio ambiente demonstra a importância dos recursos naturais e culturais para a economia de uma comunidade e seu bem-estar social, e pode ajudar a preservá-los;
- o turismo sustentável monitora, assessora e administra os impactos do turismo, desenvolve métodos confiáveis de obtenção de respostas e opõe-se a qualquer efeito negativo.

Logo, ao se analisar tais benefícios, é possível se acreditar que o turismo seja um indutor de desenvolvimento positivo para a comunidade local, mas também é capaz de provocar problemas irreparáveis. Ou seja, se bem planejado, desenvolvido e monitorado, o turismo poderá gerar empregos e renda para a comunidade local, poderá proporcionar novos mercados, poderá também fomentar a implantação de infraestrutura, porém sem o devido planejamento e ordenamento das ações do turismo, o mesmo também poderá provocar congestionamento, poluição, degradação dos recursos ambientais, depredação do patrimônio arquitetônico, exclusão e empobrecimento da comunidade residente e desvalorização da cultura local. Enfim a falta de controle na implantação de tal atividade poderá acarretar numa rápida deterioração local.

Portanto, antes mesmo de se fomentar o desenvolvimento da atividade econômica, no caso o turismo, torna-se de suma importância uma análise dos benefícios que isso poderá acarretar e os seus respectivos custos, não só os econômicos, como também os ambientais, os sociais e os culturais, para só assim indicar de forma racional se a

implantação do turismo em uma dada localidade pode ser considerada uma boa estratégia de desenvolvimento para o destino, ou não.

Para tanto, a OMT (2003b, p. 152), sugere os potenciais benefícios econômicos que a atividade turística poderá proporcionar:

- o aumento de renda e do padrão de vida, resultante das despesas turísticas;
- novas oportunidades de emprego;
- aumento de base tributária;
- maior visibilidade do destino, o que pode gerar outras oportunidades de desenvolvimento econômico;
- melhoria de infra-estrutura e instalações;
- mais recursos para a proteção e conservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural;
- desenvolvimento do artesanato local.

Em contrapartida, os potenciais custos, que também devem ser avaliados, entre eles:

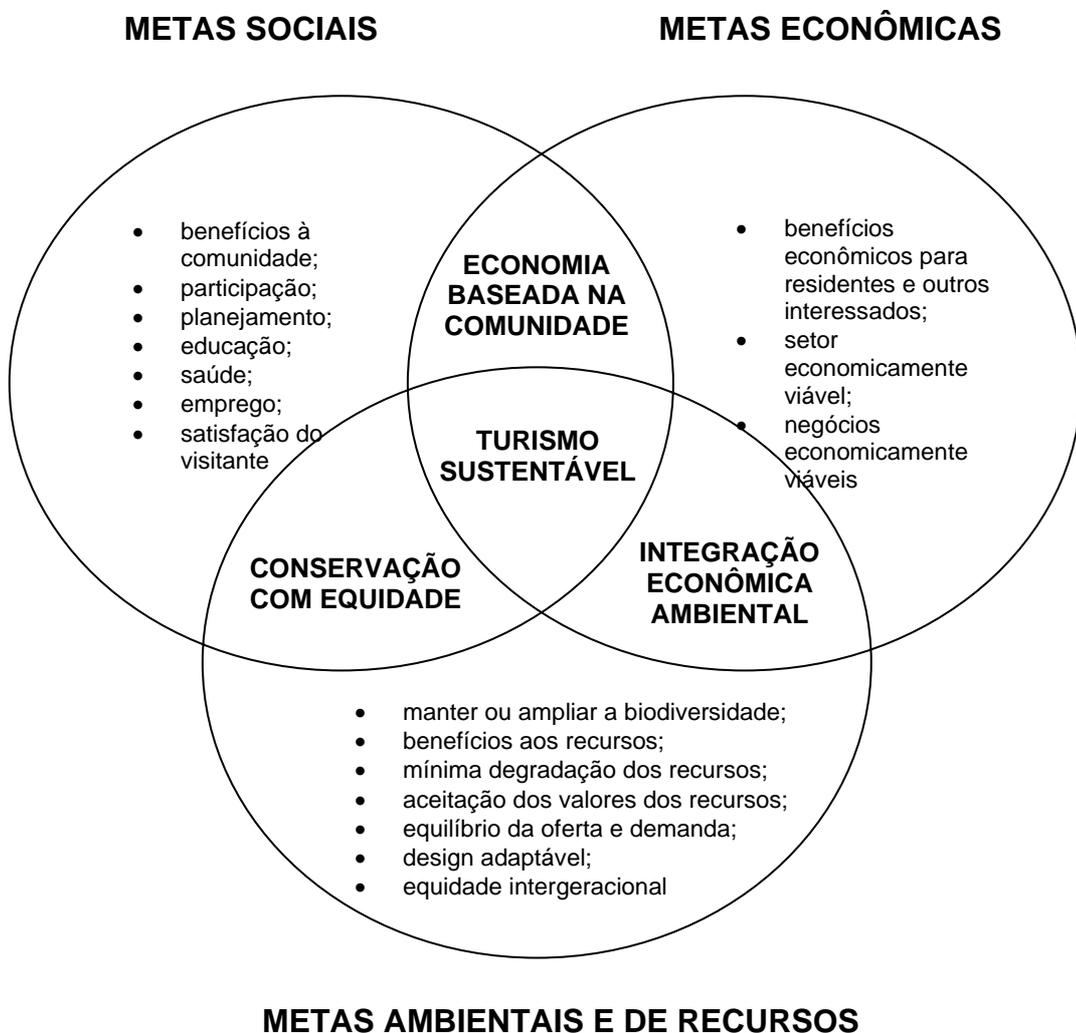
- emprego sazonal;
- custo de vida mais elevado para os residentes (por exemplo, terra, habitação, alimentação, serviços);
- poluição;
- aumento no tráfego e nos congestionamentos;
- impactos negativos sobre recursos culturais e naturais;
- aumento da criminalidade;
- aumento da tributação;
- perda de receitas e dependência de bens e serviços importados;
- superdependência do turismo como atividade econômica básica.

Portanto, na tentativa de se alcançar um equilíbrio entre a atividade turística como a principal atividade econômica local, o meio ambiente e a comunidade local, a OMT (2003a, p. 24), apóia-se nos princípios do desenvolvimento sustentável (amplamente difundido pelo relatório o Nosso Futuro Comum), à aplicabilidade no desenvolvimento do turismo, afirmando que o desenvolvimento do turismo sustentável deverá atender às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo que deverá proteger e ampliar as oportunidades para o futuro”. E acrescenta,

É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida”. (OMT, Ibid.).

Pode-se afirmar que não há uma definição completamente aceita pela comunidade acadêmica para definir o turismo sustentável, sugere-se apenas que tal definição tenha influência do Relatório Brundtland, que aborda os princípios sobre o desenvolvimento sustentável.

Seguindo este princípio, Hall na figura 1, define que para o alcance do turismo sustentável será necessário a interdependência de um conjunto de valores e princípios tanto sociais, econômicas, quanto ambientais, que apesar de possuírem peculiaridades e características individuais, interligados podem atingir de forma eficiente os objetivos coletivos, que é o alcance do turismo sustentável.



---

Figura 1 – Valores e princípios do turismo sustentável.

Fonte: Hall, 1998b, *Apud* Hall, 2003, p. 33.

### **Considerações Finais**

O objetivo deste artigo não foi colocar a atividade turística como maior vilã, entretanto, não se pode perder de vista os possíveis efeitos negativos diretos e indiretos que podem ser provocados pelo turismo. Deve-se inclusive destacar que para a maioria dos países subdesenvolvidos o turismo, analisado do ponto de vista da própria atividade econômica em questão, tem se manifestado de modo particularmente significativo, em virtude de determinadas condições, como exemplo as possibilidades de expansão da receita, efeito multiplicador sobre outras atividades econômicas, capacidade de gerar empregos, curta maturação de retorno dos investimentos, entre outros, assim o turismo diferentemente de outras economias setoriais possibilita corrigir desequilíbrios regionais internos e modernização no local que está inserida, por outro ângulo, o turismo também poderá influenciar diretamente na descaracterização cultural do local, provocar evasão de divisas para o exterior (no caso de existir na localidade redes de hotéis internacionais), neocolonialismo, prostituição, violência e até problemas de saúde pública (PAIVA, 1995).

Portanto, como já mencionado anteriormente, buscou-se discutir neste artigo algumas reflexões que fazem parte do próprio referencial teórico da dissertação de mestrado, que no momento ainda encontra-se em fase de elaboração, no intuito de se discutir algumas facetas da atividade turística, apresentando como a mesma, muitas vezes pode ser positiva, tanto para a comunidade local quanto para o meio ambiente, desde que seja bem planejada e estruturada. Pois, todavia, diante da fragilidade da estrutura econômica, nos países subdesenvolvidos, em que a pobreza local geralmente compõe parte significativa do quadro social, o turismo poderia sim, ser uma alternativa viável na busca de um desenvolvimento sustentável, desde que o imediatismo, que atualmente tem caracterizado o surgimento de tal atividade econômica, não ocorra e acabe comprometendo a busca de resultados positivos ao longo do processo.

### Referências bibliográficas

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento de espaço turístico**. Tradução Josely Vianna Baptista. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002. p. 69 – 111.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes; SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello. **Turismo e Geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: UECE, 2005. 174 p.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

HALL, Colin Michael. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. Tradução Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2001.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 2. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Tradução Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Turismo Internacional: uma perspectiva global**. Tradução Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003b.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do turismo**. 8. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Conceitos e impacto ambiental**. Tradução Margarete Dias Pulido. São Paulo: Aleph, 2000. Vol. I